

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: UNS MAIS IGUAIS QUE OUTROS

ANIMAL FARM: ONES MORE EQUAL THAN OTHERS

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p187-199

Jader Luiz Gama das Neves¹
Márcia Sepúlveda do Vale²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar o papel que a leitura desempenha em um modelo de sociedade que tenta adotar, através de uma revolução organizada por relações hierárquicas, uma concepção cooperativista, mas que acaba sendo dominada por interesses individuais de “alguns mais iguais que os outros”. Trata-se da análise da obra *A revolução dos bichos*, do escritor inglês, Eric Arthur Blair, de pseudônimo, George Orwell. Para tais discussões, baseamo-nos nas obras de Michel Foucault (2010), Manguel (2004), Petit (2013), Piglia (2006) e Rouxel *et al* (2013).

Palavras-chave: sociedade; leitor(es); leitura; poder; conhecimento.

Abstract: The present article has as objective to analyse the role that reading plays in a model of society that try adopting, through a revolution organized by hierarchical relationships, in a cooperative concept, but that end being dominated by individual interests of “some more equal than others”. This is the analysis of the masterpiece *Animal farm* by english writer, Eric Arthur Blair, with the pseudonym, George Orwell. For such discussions, we based on the works of Michel Foucault (2010), Manguel (2004), Petit (2013), Piglia (2006) and Rouxel *et al* (2013).

Keywords: society; reader(s); reading; power; knowledge.

Introdução

O fascínio pela literatura ocorre mediante a forma como a vida pode ser vivida nas páginas de uma obra. Autor, personagens e enredo entram em consonância com a curiosidade

¹ Mestre em Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Tocantins. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4100-777>. E-mail: jaderluizgama@gmail.com.

² Mestra em Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Tocantins. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4508-6085>. E-mail: marciasepulvida@hotmail.com.

de leitores interessados em saber o destino de muitos personagens e, através disso, percebem-se refletidos nas suas experiências, ou seja, naquilo que Aristóteles (2008) chama de “Verossimilhança”. Em *A revolução dos bichos* percebemos uma sociedade de animais dilacerada pela tentativa de se estruturar através de um modelo ditatorial denominado “animalismo”, o qual preconiza o racionamento de ração, tratamento diferenciado e execuções de “ditos traidores”.

Assim, ao analisarmos verossimilmente, como não enxergar o retrato de um povo explorado por seus governantes na figura de um cavalo? Como não perceber o verdadeiro jogo de poder na discordância entre o porco Bola-de-Neve e o porco Napoleão em decisões para o interesse de todos, sem contar a trapaça de Napoleão ao tornar o poder absoluto? Nesse ínterim, o enredo da obra atrai para um detalhe oportuno e para o debate sobre a força da escrita e do domínio da literatura atualmente: a introdução da leitura como um instrumento que organiza as relações sociais, para o bem ou para o mal. Os animais que melhor agem sobre esse tipo de cultura humana, os porcos, são quem decide o destino de todos. Os outros animais, que não conseguem se adaptar a essa cultura, sofrem as consequências das suas decisões. Bourdieu (2007) define bem o valor da leitura quando fala sobre os bens culturais e seu economicismo na introdução de “A distinção: crítica social do julgamento”, ele diz que:

Os bens culturais possuem, também, uma economia, cuja lógica específica tem de ser bem identificada para escapar ao economicismo. Neste sentido, deve-se trabalhar, antes de tudo, para estabelecer as condições em que são produzidos os consumidores desses bens e seu gosto; e, ao mesmo tempo, para descrever, por um lado, as diferentes maneiras de apropriação de alguns desses bens considerados, em determinado momento, obras de arte e, por outro, as condições sociais da constituição do modo de apropriação, reputado como legítimo. (BOURDIEU, 2007, p. 9)

Uma sociedade como a demonstrada por Blair, não poderia se estabelecer como uma comunidade de leitores, pois não havia o domínio equitativo dos bens culturais no momento da aprendizagem da leitura, apesar de se ter trabalhado as condições para se produzir os consumidores desses bens culturais (as tentativas de alfabetização por parte dos porcos). Isso se refletiu em uma divisão de classes e levou à conseqüente exploração dos outros animais por parte dos porcos, pois não sendo consumidores legítimos da leitura, tiveram que se contentar com trabalhos em que a força era a essência; ou seja, o não domínio da cultura letrada levou à reprodução de exclusão social idêntica as presenciadas em países em que o capitalismo divide os indivíduos em exploradores e explorados.

Por outro ângulo, sabemos que o enredo da obra engloba a leitura como “Letramento” que, nos termos de Soares (2010) [...] depende essencialmente de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas [...]. Os porcos, letrados como são, utilizam esse instrumento e fazem com ele o que é preciso para se manter no poder, já que manipulam a palavra, naquilo que Piglia (2006), poderia definir como leitores que utilizam a literatura para o crime, pois oprimem os outros animais. Assim, compreende-se que a relação estabelecida entre a leitura cotidiana e a consciência coletiva é o melhor caminho para uma vida social mais justa e conseqüentemente igualitária.

Em nossa sociedade, sabemos que aqueles que leem suficiente bem têm todas as chances de questionar o que vai contra os valores comuns, como a falta de igualdade, por exemplo. Na obra, o poder da leitura e da palavra provoca uma mudança na vida de todos os animais. Esses “poderes” tornam os porcos opressores, restando aos outros animais acompanhar, de longe, as decisões que esses tomariam em relação a todos.

Foucault (2010), traz algumas reflexões acerca desse poder, o qual depende da instigação ideológica de uma verdade. Em *A revolução dos bichos*, a verdade é o ideal de uma sociedade livre de castigos e racionamentos, onde os animais viveriam em prol de si mesmos e em condições igualitárias. Para tanto, são levados à alienação, deixando-se escravizar com consentimento, vivendo em uma situação pior do que quando eram providos pelo Sr. Jones, o dono da fazenda.

Partindo da explanação acima, o presente trabalho busca refletir sobre o que um leitor ativo, manipulador da palavra, é capaz de fazer para o progresso ou retrocesso de uma sociedade quando chega ao poder. Em *A revolução dos bichos* essa manipulação se apresenta em uma sociedade “de bichos” em que a opressão surge a partir das péssimas condições de trabalho e desconstrói as subjetividades mais frágeis, transformando os opressores “em seres humanos”, tendo a ideologia um papel primordial em relação ao retrato da condição humana, o que acaba ecoando em uma situação de desigualdade social espalhada por diversas nações do mundo, incluindo o Brasil.

1 A força da leitura para alguns leitores mais iguais e outros nem tanto

Manguel (2004) diz que “uma sociedade pode existir - existem muitas de fato - sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler.” Partindo dessa premissa, percebemos que ela não almeja o leitor ideal e passa longe do didatismo escolar. Dessa forma, devemos levar em consideração todo o processo que envolve essa proposta, destacando a leitura intimista e ter consciência de que a literatura é um bem cultural como qualquer outro e que deve ser oferecida a todos. A propósito, Petit (2013) enfatiza que:

Cada um de nós tem direitos culturais: o direito ao saber, mas também o direito ao imaginário, o direito de se apropriar dos bens culturais que contribuem, em todas as idades da vida, à construção ou a descoberta de si mesmo, à abertura para o outro, ao exercício da fantasia, sem a qual não há pensamento, à elaboração do espírito crítico. (PETIT, 2013, p. 23)

Porém, para alguns, a leitura não se descreve, unicamente, em uma prática individual que ocorre na relação do sujeito com o livro. Freire (2005) vai na contramão dessa prática em ato isolado e apresenta o modelo do homem de ação em contato com os arredores, destacando a leitura do mundo antes da leitura da palavra. Em *A revolução dos bichos* a leitura de mundo se faz presente e é a válvula de escape da história quando Orwell cria um animal pródigo, com bastante experiência de vida, para uma suposta “conscientização” política dos animais que veem o homem - citados como animais inúteis - sendo a causa de todas as mazelas sociais. No início da obra, Major, o velho porco prevê a morte iminente,

Mas, qual é a natureza da nossa vida, Camaradas? Não há como negar, nossas vidas são sofridas, laboriosas e breves. Nós nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando e os que podem trabalhar são forçados a fazê-lo até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidamos com hedionda crueldade. Nenhum animal, na Inglaterra, sabe o que é felicidade ou lazer, após completar um ano de vida. Nenhum animal na Inglaterra, é livre. A vida de um animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua. (ORWELL 2021, p. 21)

A partir desse ponto, surgem diversas leituras das palavras do Major que convergem para um mesmo fim: a derrubada do gênero humano. As que mais se destacam são as dos porcos, principalmente as de Napoleão e de Bola-de-Neve, futuros líderes da sociedade dos animais. Coube a eles a tarefa de instruí-los e organizá-los.

O mote da organização da nova sociedade, após a expulsão do proprietário da antiga Fazenda Solar, foram os princípios criados pelos porcos, que aprenderam a ler através de um

livro de ortografia encontrado no lixo, material que pertencia ao filho de Jones, o ex-proprietário.

O fato da procura pelo aprendizado de um código humano confirma o “poder da palavra”, explicitamente traduzido já nas duas primeiras estrofes da letra do hino “Bichos da Inglaterra”, efusivamente repetido pelos bichos logo após a expulsão de Jones:

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,
Bichos daqui e de acolá
Escutem as notícias alegres
De um tempo que ainda virá.

Em breve o dia chegará,
Em que o tirano cairá,
E os campos frutíferos da Inglaterra
Apenas aos bichos pertencerão. (ORWELL, 2021, p. 26)

Só podem sonhar com a liberdade aqueles que sabem analisar as mazelas pelas quais estão passando, inclusive nos discursos. A propósito, Asbahr (2014, p. 266) cita que “O significado da palavra é a palavra vista do seu interior”. Ou seja: não há formação sem a palavra, e os porcos souberam aproveitar o aprendizado e, por vontade própria, deram início a uma ascensão social à moda humana. A partir daí, eles tentaram introduzir o ensino da leitura para os outros animais. No início, “as classes de ler e escrever, [...] constituíram grande sucesso. Com a chegada do outono, quase todos os animais da fazenda estavam, uns mais, outros menos, alfabetizados” (ORWELL, 2021, p. 47)

Desse ponto em diante, podemos ver como a forma de leitura empreendida pelos porcos e pelos outros animais foi definitiva para o enredo da obra, baseada nos dois extremos de tipos de leitores teorizados por Piglia (2006),

O leitor viciado, o que não consegue deixar de ler, e o leitor insone, o que está sempre desperto, são representações extremas do que significa ler um texto, personificações narrativas da complexa presença do leitor na literatura. Eu os chamaria de leitores puros; para eles a leitura não é apenas uma prática, mas uma forma de vida. (PIGLIA, 2006, p. 21)

Os sete mandamentos, semelhantes aos dez apresentados na Bíblia cristã, servem de fundamento para a representação dos diversos tipos de leitores, principalmente quando se refere aos que têm dificuldade na prática leitora, como a égua Quitéria e as ovelhas. Contudo, conforme, Petit (2013, p. 32), “A leitura faz sentido para aqueles que leem pouco e que, embora

não dediquem muito tempo a essa atividade, sabem, entretanto, que algumas frases encontradas em um livro podem às vezes influenciar o curso de uma vida.”

É o que se percebe nas inúmeras tentativas de se aprender a ler, empreendidas pelos animais, principalmente pelas ovelhas, quando, supostamente vencidas pela não compreensão do código escrito, repetem a versão simplificada dos sete mandamentos “quatro pernas bom, duas pernas ruim”, numa tentativa de se petrificar um discurso propagandista contra a raça humana. Candido (1995), ao analisar o direito que todos os cidadãos têm de usufruir a literatura, diz que o ficcional está presente em cada um de nós, desde o analfabeto, até àqueles que se destacam pela intelectualidade e envolve todos os tipos de gêneros. Isso explica a repetição do mesmo verso em um ângulo adverso, no qual alguns animais tentam questionar a organização de trabalho traçada pelos porcos.

Um caso em que a leitura faz “sentido” até para aqueles que leem pouco, é o do cavalo Sansão. Sempre atento aos discursos sagazes dos porcos, ele se destaca como um tipo de leitor obediente aos mandamentos, o que Piglia em “O último leitor” classifica como “obediente, empregado”. Ou seja, ele está ali para cumprir o seu papel e leva a interpretação única até as suas últimas consequências (ele morre em decorrência da “inutilidade” enquanto trabalhador que utiliza a força bruta após envelhecer).

Rouxel, Langlade e Rezende (2013) apontam a particularidade de cada pessoa no que se refere à história de vida, número de leituras (sendo alfabetizado) e um percurso sócio-cultural que a faz pertencer a uma comunidade. No caso dos porcos, principalmente Bola-de-Neve, seu repertório de leitura fez com que ele agisse em função de uma suposta melhora na produtividade da fazenda, ao arquitetar a construção de um moinho de vento. Na criação do projeto ele passou horas praticando uma leitura isolada:

Bola-de-Neve estudara atentamente alguns números atrasados de O Fazendeiro e O Criador de Gado, encontrados na casa grande, e andava com a cabeça cheia de planos sobre invenções e melhoramentos. Falava com grande conhecimento de causa sobre drenagens, ensilagem, escórias básicas [...] (ORWELL, 2021, p. 66)

Bola-de-Neve, em um ato de leitura subjetiva, soube como trazer o conhecimento abstrato para a realidade animal. Porém, Napoleão, o porco mais voltado para a ação em causa própria, não considerava que a leitura trouxesse resultados vantajosos: “Napoleão não criava projetos próprios, mas dizia com toda calma que os de Bola-de-Neve dariam em nada e

parecia aguardar sua oportunidade. De todas as divergências, porém, nenhuma foi tão séria como a do moinho de vento”. (ORWELL, 2021, p. 66)

A ideia do moinho divide o enredo da obra e, logo após a expulsão do porco Bola-de-Neve, através da força de repressão (vinda dos cachorros criados às escondidas por Napoleão), surge todo tipo de manipulação, na qual Bola-de-Neve era vilão ou que Jones poderia voltar, com uma única leitura de organização social válida para todos: a de Napoleão. Nesse ínterim, destaca-se o porco Garganta, que reforçava o discurso ditatorial de Napoleão, a égua Quitéria, que passa a não mais acreditar nas atitudes dos porcos, e o burro Benjamin, que sabia ler, mas que não esbanjava nenhuma reação diante dos acontecimentos. Ambos previam o que poderia acontecer, cada um à sua maneira.

As palavras de Feres (2011), resume bem o contexto dos animais explorados pelos porcos,

[...], a capacidade de reconhecer experiências e de relacionar essas experiências à situação em que o “texto” se insere é fundamental para o ato de atribuição de sentido: a destreza como leitor ou como decifrador, depende de uma certa habilidade de projetar a si mesmo, por meio do conhecimento adquirido ao longo de sua vida, no texto que lê. (FERES, 2011, p. 19)

Em relação aos animais que não exerciam a liderança - galinhas, patos, ovelhas e outros - a destreza necessária para se chegar a uma leitura coerente da situação que estavam vivendo (no final da história não conseguem diferenciar os porcos dos homens, pois os porcos andavam sobre as patas traseiras). Faltou-lhes dominar o código escrito e vivenciá-lo, projetar-se sobre a escrita. Restaram apenas às palavras do corvo Moisés, uma espécie de messias para tempos utópicos. O corvo, que participa poucas vezes do enredo da obra, dizia existir uma espécie de paraíso animalesco “Cheios de torrões de açúcar” e era para lá que os animais iam depois de realizar seus afazeres em vida.

2 A leitura como metáfora do conhecimento

A leitura, entendida no contexto de Orwell como algo que leva ao conhecimento, à desalienação do povo, pela qual tanto lutou o porco Bola-de-Neve, em prol de uma sociedade igualitária, ao ser ensinada aos outros animais, caracterizou-se apenas como decodificação, já que, no pensamento dos aprendizes, ler não trazia grandes mudanças, como evidenciada na fala da personagem Quitéria, que apesar de saber que as informações dos mandamentos estavam

alteradas, deixou-se convencer por não se achar capaz de refletir e argumentar com os outros animais:

[...] Quitéria, que se lembrava com clareza de uma regra contra camas, foi até o final do celeiro e tentou decifrar os sete mandamentos que lá estavam escritos. sentindo-se incapaz de ler mais que algumas letras separadamente [...] Quitéria não se recordava dessa menção de lençóis no quartomandamento, mas se estava escrito, devia ser. (ORWELL, 2021, p. 87)

Petit (2013), faz algumas ponderações acerca dos perigos que a leitura traz, em relação aos diferentes contextos sociais. Para ela, ler pode se revelar impossível ou arriscado quando significa entrar em conflito com os valores ou os modos de vida do lugar, do meio em que se vive. Quitéria silencia-se mesmo sabendo que algo estava errado.

Esse saber de Quitéria, conforme Foucault (2010), trata-se de um saber sujeitoado, que não é qualificado, insuficientemente elaborado: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridas.

[...] e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz da unanimidade e que deve a sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam. (FOUCAULT, 2010, p. 9)

Ao contrário do porco Garganta, apresentado como o mensageiro das “ordens” e o disseminador das ideias e ideais do “Porco Comandante”. Garganta traz em sua fala uma retórica de convencimento, na qual utiliza o conhecimento, nesse caso entendido como metáfora do saber, para alienar os outros animais a trabalharem cada vez mais, sem que estes se sentissem escravizados.

Todo aquele ano os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não mediam esforço ou sacrifício, cientes de que tudo quanto fizessem reverteria em benefício deles próprios e dos de sua espécie, que estavam por vir [...] Na primavera e no verão, enfrentavam uma semana de sessenta horas de trabalho e, em agosto, Napoleão fez saber que haveria trabalho também aos domingos à tarde. Esse trabalho era estritamente voluntário, porém o bicho que não aceitasse teria sua ração diminuída pela metade. (ORWELL, 2021, p. 79)

Foucault (2010) faz algumas reflexões quanto a essa mecânica de poder, que ocorreu nos séculos XVII e XVIII, e que possui procedimentos bem particulares, que é incompatível com a relação de soberania,

É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riquezas. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas. É um tipo de poder que pressupõe muito mais uma trama cerrada de coerções materiais do que a existência física de um soberano, e define, uma nova economia de poder cujo princípio é o de que se deve ao mesmo tempo fazer que cresçam as forças sujeitadas e a força e a eficácia daquilo que as sujeita. (FOUCAULT, 2010, p. 31)

Percebe-se o quanto o poder da leitura das palavras, da linguagem e dos discursos está inculcado na sociedade. Os animais são convencidos através de belos discursos ideológicos, numa falsa ideia de sociedade igualitária, a serem “escravizados” com consentimento, visto que, são levados a crer que este é um ato em prol do bem-comum-social. Foucault (2010), fala sobre as verdades que o poder produz, onde somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção de verdade. Nesse caso, a verdade era a autonomia dos animais vivida inicialmente pelo contexto comunista, mas que depois se tornou totalitarista.

3 A verossimilhança com a sociedade brasileira

A reprodução da metáfora de uma sociedade fragilizada pela classe política se assemelha com o caos ético que se instaurou nos últimos anos em algumas nações latinoamericanas, principalmente no Brasil. Parte da população do país, incluindo pessoas da classe trabalhadora, está de acordo, por exemplo, com o negacionismo científico promovido pela visão mais sombria do neoliberalismo, que chegou disfarçada de um discurso conservador dos tempos modernos, cunhado em redes sociais e vindo de uma América (E.U.A.) saudosa da exploração estilo *Do it yourself*, do tempo do *Far west*.

Em *A revolução dos bichos*, o conhecimento da palavra e o domínio da leitura, espinha dorsal do desenvolvimento do enredo, não se concretizou para a maioria dos animais, o que levou os porcos a reproduzirem a repressão social, condição oriunda do discurso capitalista de liberdade e riqueza surgidos do individualismo em excesso:

[...] Zizek apresenta-nos a contradição do discurso ideológico próprio da democracia liberal do capitalismo global, que apregoa a liberdade como imperativo a ser alcançado por indivíduos, povos e nações, mas que se apresentam na concretude dos fatos de maneira proibitiva, cerceadora e punitiva para aqueles indivíduos, povos e nações que se aventuraram na busca de liberdade de pensamento e ação (GUERRA; TELES, 2009, p. 18).

O tema gerador da individualidade – o fato de os porcos dominarem a cultura letrada e se “humanizarem” – reproduz, como consequência, a estrutura de um regime totalitário, percebido aos poucos pelos outros animais, mas não combatido por eles. A falta do domínio da leitura não permitiu que os outros animais tomassem posição frente ao fenômeno de totalitarismo que estava sendo imposto a eles. “Assim, compreender o fenômeno totalitário significa, essencialmente, para Arendt (1993, p. 39) emitir ‘juízos’ sobre fatos. É uma forma de trabalhar com a realidade humana [...]” (VICENTE, 2012, p. 19).

Na obra, a não condição de emitir juízos sobre os fatos, demonstrada pelos animais de outras espécies, sendo a única condição de letramento para estes, decorar os sete mandamentos; reflete, atualmente, o que se presencia em parte da sociedade trabalhadora no contexto da tecnologia de informação, onde mensagens distorcidas são espalhadas rapidamente em vários aparelhos *smartphone* – discurso antivacina, revisão histórica e debate político em segundo plano, por exemplo, mantém a alienação, levando cada vez mais ao poder pessoas que construíram suas carreiras políticas através da reprodução desses discursos. A não valorização da cultura no Brasil é um outro exemplo, pois, sendo ela um dos pilares de fundamental importância para a constituição do caráter, é atacada em discursos inflamados, onde artistas e políticas públicas que fomentam as produções desses artistas são “linchados” virtualmente, como no caso da lei Rouanet. Tal desvalorização é trabalhada em discursos repetitivos que se descrevem, muitas vezes, conservadores, como os mandamentos da obra *A revolução dos bichos*.

No contexto discursivo dessas forças extremistas está explícito que o bem social é deixado em detrimento da exploração da força de trabalho da maioria para o enriquecimento de uma minoria, como retratado na obra, onde os porcos começaram a andar sobre duas pernas e a se vestirem igual homens, mas “homens de posse”. O contexto atual de exploração é citado em Gaiger (2021, p. 276) quando questiona se “Nesse novo estágio do capitalismo, restaria apenas indivíduos autotélicos, de escassa vocação cívica e de postura *blasé* diante dos assuntos públicos [...]?” Assuntos como o aumento de combustíveis e inflação descontrolada, disfarçados por outros assuntos de características menos relevantes, como temas em que famosos e políticos estão envolvidos, não disfarça a pouca vocação cívica atual de alguns representantes políticos e de mídias em não falar diretamente sobre as mazelas sociais. Orwell reproduz a mesma situação de “*ar blasé*”, não especificamente de postura, mas quando um animal cogitava questionar a mudança em alguns mandamentos, como no caso da égua Quitéria.

As características de um caos social, simbolicamente reproduzidas na obra, refletem o contexto da atual situação de posicionamentos políticos contraditórios e prejudiciais, não só da sociedade brasileira, mas de muitas nações ao redor do mundo que acreditam na negação da ciência em período de pandemia. Uma guinada mais voltada para a educação, na qual verificar a fonte de informação de onde saem textos com posição antivacina ou, se um vídeo postado nas redes sociais apresenta um recorte honesto, representa a leitura como fonte de conhecimento, e não de negação.

A forma do cidadão sair de uma posição passiva frente a uma grande quantidade de informações postadas diariamente nas redes sociais e nos aplicativos de compartilhamento de conversas, é a busca de uma interpretação adequada para essas informações e o questionamento das mesmas, o que Orwell implicitamente sugeriu ao demonstrar que, se os outros animais diferentes dos porcos tivessem a compreensão correta dos mandamentos, talvez não permitiriam ser explorados, planejariam uma fuga da granja ou fariam uma revolução.

Considerações finais

A obra *A revolução dos bichos* nos faz pensar que as teorias criadas pelos seres humanos dependem muito da forma como são interpretadas e, toda interpretação parte sempre do leitor, que a constrói em contato com o mundo. A leitura em um conceito mais genérico - leitura de mundo, que nem sempre necessita do código escrito, mas sim de experiências de vida para ser bem interpretada - organiza todas as nossas relações.

Ao descrever cenas em que animais personificam tipos humanos em um contexto de exploração - porcos transformados em malfeitores ao assumir progressivamente características do *Homo Sapiens* – fica notório o quanto a leitura é fundamental para o discernimento de como a sociedade se estrutura e de quando devemos dizer “não” para situações que afetam a todos, semelhantes as situações retratadas na política atual.

Assim, a obra, *A revolução dos bichos*, reflete sobre a importância de um leitor e mostra os perigos que podemos sofrer quando somos inseridos em uma sociedade que não procura ler de maneira interessada ou curiosa. O que resume a paráfrase “todos iguais, porém alguns mais iguais que os outros” lembrada em outros tipos de discurso como discos (“Animals”, do Pink Floyd) e músicas específicas (“Ninguém igual a ninguém”, do Engenheiros do Hawaii).

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Sentido pessoal, significado social e afetividade de estudo: uma revisão teórica. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 18, n. 12, maio/ago. 2014, p. 265-272. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/VKhxJwS5qjmgCrw67mPScH/?lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- FERES, Beatriz dos Santos. *Leitura, fruição e ensino com os meninos de Ziraldo*. Niteroi: Editora UFF, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GAIGER, Luiz Inácio. Exploração social e estrutura de classes: a atualidade de um quadro de análise. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 23, n. 57, maio/ago. 2021, p. 268-298. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/105087>. Acesso em: 25 maio 2022.
- GUERRA, Elizabete; TELES, Idete. *Lacunas do real: leituras de Slavoj Zizek*. Florianópolis: NEFIPO, 2009.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. Tradução Maurício Macedo. São Paulo: Editora Pandorga, 2021.
- PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Tradução: Amaury C. Moraes et al. São Paulo: Alameda, 2013.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- VICENTE, José João Neves Barbosa. *Totalitarismo, educação e justiça: uma abordagem filosófica*. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012.



Recebido em 30 de maio de 2022
Aceito em 30 de janeiro de 2023